

CRISTINA ANTUNES: EXTRAORDINÁRIA LEITORA E GUARDIÃ DOS LIVROS¹

Débora Dias

Com uma chave imaginária, ela percorre os labirintos da memória e oferece acesso privilegiado a múltiplas leituras que guarda da Biblioteca em diacronia: sua lógica interna, suas rotinas, o invisível que a constitui num todo. Logo, aparecem as encruzilhadas, a permanente tensão entre um saber profundo daquilo que foi a grande coleção na casa da rua Princesa Isabel, em São Paulo, viva na lembrança como experiência irrepetível, e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo (USP), monumento presente, que se lança para um futuro em afirmação².

Após mais de trinta anos cuidando dos livros do casal Mindlin e, desde 2013, como funcionária concursada da USP, Cristina Antunes

1. Texto baseado em entrevistas e conversas informais com Cristina Antunes, curadora da BBM, numa breve convivência nos meses de junho e agosto de 2017. No mesmo ano, Cristina leu e aprovou este texto para publicação. Em 26 de março de 2019, ela faleceu aos 68 anos de idade, a quem se presta saudosa homenagem.
2. Nesse sentido, remete-se à reflexão desenvolvida por Marisa Midori, na sua caracterização da BBM-USP, articulações e desafios, passados, presentes e futuros (Marisa Midori Deacto, "Uma Brasileira para o Leitor do Século XXI", *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, pp. 375-390).

condensa e miscigena a reflexão adquirida nas leituras e no convívio com pesquisadores e colecionadores com a experiência de quem sempre esteve próxima do manuscrito, do impresso e das bibliotecas. Ela se afasta das normatizações correntes, construindo um saber singular de bibliotecária que diz nunca ter sido de formação; mas que é fruto da leitora que sempre foi e do que aprendeu a ser: colecionadora (de cordéis), paleógrafa, tradutora, especialista em bibliotecas, organizadora de livros, escritora e investigadora. Atualmente, se considera também uma guardiã da Brasileira, cuja ligação transcende qualquer definição do que seja “especialista em pesquisa”, seu cargo institucional: “Eu me considero [guardiã] porque tenho que pastorear”, responde de pronto.

Em duas longas conversas na suntuosa sala de referência da BBM, em meio a outras fracionadas pelos espaços do prédio, Cristina contou de si e de alguns dos outros que importaram ao seu caminho: o amigo Fernando de Azevedo e suas prosas pelo jardim; a mestra dos livros raros, Rosemarie Horch, e a sua biblioteca de braille; a professora Ieda Dias Lima, que lhe ensinou paleografia; a amiga Marlyse Mayer, de quem herdou a coleção de cordéis; Antônio Dimas, eleito “xodó” na alegria de uma convivência frequente; e, especialmente, o casal Mindlin, com um templo que era habitado e gerido pelo feminino.

Trata-se aqui de um testemunho: a trajetória de uma leitora, desde os primeiros anos de sua formação no Recife, passando por sua chegada a uma São Paulo menos letrada do que a jovem de dezoito anos esperava. Cristina transformou-se na conservadora de uma biblioteca particular emblemática e que continha uma das mais importantes coleções Brasileira e de literatura de viajantes do país.

Se, à primeira vista, a especialista aparece austera, despertando respeito e algum temor particularmente entre os mais jovens da BBM-USP, não demora a revelar no diálogo a generosidade das palavras e um sorriso terno, ampliado quando fala daquilo que gosta e que lhe importa. Entre o que quis evocar, algumas vezes em tom confidente, contou episódios que a marcaram nas diferentes fases de uma rotina de que ainda sente a ausência todos os dias: as conversas com quem vivia e trabalhava na casa-biblioteca, os encontros com os muitos visitantes, as leituras e aprendizados contínuos. “Morro de saudades do convívio fraterno, a casa era deliciosa, o ambiente afetoso”, descreve. E diz ter sido de forma natural, o que não deixou de ser intenso, ter-se feito ledora, emprestando seus olhos e compartilhando sua voz a Mindlin, seu empregador e amigo que foi aos poucos perdendo a visão. “Ele chamava de injustiça da vida”³.

3. Primeira entrevista realizada no dia 11.7.2017, na sala de referência da BBM-USP.



.....
*Cristina Antunes passou mais de
trinta anos cuidando de livros ao lado
de José Mindlin.*

Com a mudança da Brasileira para a USP, mesmo que tenha acompanhado de perto todo o processo e procurado ativamente manter a ordem definida por seu construtor, Cristina logo soube que estava a surgir uma “outra coisa”. Daí as frequentes sensações de estranheza resultantes da comparação entre o antigo habitat dos livros. Ou, como explica, “o que era natural para mim, aqui deixou de ser”. Numa adaptação ainda em curso, não poupa críticas a uma certa burocracia das instituições, e diz sentir falta da outra metade da biblioteca, que não se enquadrava nos critérios de doação, incluindo as coleções camoniana, lusíada, alguns incunábulo e raridades dos inícios da Imprensa no Ocidente⁴.

Mas, naquilo que descobre, que lê, que traduz, que participa das edições ou que compartilha com amigos ou com os netos, encontra grande fonte de alegria. E, felizmente, para ela, não raro o mundo dos livros se mistura com o mundo fora dos livros: “e é tão bom quando acontece”⁵.

A LEITORA CULTIVADA NUMA CIDADE DE LIVROS

A infância na cidade do Recife é recordada como em uma terra povoada de livros. Em casa, não faltaram, embora diga que nenhum dos quatro irmãos gostasse tanto deles quanto ela. O seu marco zero foi o presente que recebeu aos sete anos: a obra completa de Monteiro Lobato. “E a primeira coisa que li foi a *História do Mundo para as Crianças*⁶. Fiquei absolutamente fascinada com esse volume, que era grosso. Tenho até hoje guardado comigo”. A mãe era licenciada em Economia, trabalhava o dia inteiro, mas “lia muito”. Após a precoce morte do pai, a menina ficou marcada pela figura do avô, diretor das atividades da Companhia de Pesca Norte do Brasil (Copesbra) em Cabedelo (PB) e que mantinha uma biblioteca em casa, em João Pessoa. Foi lá que encontrou, no alto da estante, o exemplar de *Rua do Siriry*⁷, leitura que intuía ser interdita. “Era uma rua de prostituição na cidade. A história era bem cabeluda. Mas eu li esse livro, acho que saquei que eu não era para ler e li escondido”. Décadas depois, a experiência se cristalizou no encontro com a história, agora transformada em

4. O processo de constituição da BBM-USP é relatado pelo neto de Mindlin e um dos arquitetos do projeto. (Rodrigo Mindlin Loeb, “Um Sonho Quase Impossível”, *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*, n. 55, ano 19).
5. Segunda entrevista realizada no dia 24.7.2017, na sala de referência da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 1. piso. Todas as aspas de Cristina serão referentes a esta entrevista, salvo quando indicado.
6. As *Obras Completas de Monteiro Lobato* foram publicadas a partir de 1950 pela Editora Brasiliense (São Paulo). A primeira edição de *História do Mundo Para as Crianças* é de 1933.
7. Romance de Amando Fontes, *Rua do Siriry* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1934).

item colecionável como uma primeira edição da casa José Olympio. “Qual não foi a minha surpresa quando eu achei um exemplar desse livro aqui na Biblioteca [Mindlin]”⁸.

Do espaço familiar ao convívio público, aos nove anos, deu-se o encontro de Cristina com a “fabulosa biblioteca” do colégio das Beneditinas alemãs e, no ano seguinte, com a da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, ambas em Recife. Nesse circuito, afirma não ter tido dificuldades para ter o que ler: “Ou eu tinha na escola, ou em casa, ou a mamãe podia comprar”. E quando a mãe a inscreveu no Clube do Livro, ampliou ainda mais seu repertório de autores, que chegavam mensalmente pelos Correios. Foi assim que conheceu a literatura de Lima Barreto, entre muitos outros. “Eu gostava de ler o que caísse na mão”.

Foi esse o tempo em que se iniciou no colecionismo, reunindo cordéis com capas em xilogravura, cujo valor para ela está nos temas, mas também na artesanaria das edições. A enchente de 1968, no Recife, levou sua primeira coleção, desfeita pela água. Mudou para São Paulo e recomeçou a reunião dos folhetos, tarefa que virou prazer para uma vida.

O ENCONTRO COM O LIVRO RARO E A BIBLIOTECA DE CAPAS BRANCAS

E como em um romance, entre tantos lidos, foi um amor de juventude que alterou os rumos da prosa. Cristina largou a ideia de cursar Arquitetura, deixou a família em Recife e chegou à capital paulista em 1969. Não encontrou os livros de imediato, mas um descompasso nas ideias feitas de outros sobre o lugar de onde vinha.

Inicialmente fiquei muito chocada. Porque eu estava acostumada a um colégio de gente que lia muito, meus amigos eram envolvidos em projetos de literatura, de arte. Então, quando eu cheguei aqui, achei todos muito ignorantes. Porque saí de um universo muito focado nessas coisas. Quando alguém me perguntava se Recife era na Bahia, ficava chocada – que sem noção de geografia. Mas, depois, entrei na faculdade, com uma biblioteca muito grande na PUC, comecei a comprar mais livros e logo também eu fiz concurso aqui na USP e vim trabalhar no IEB – Instituto de Estudos Brasileiros.

O namoro acabou antes dela concluir o curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica (PUC), mas já começava a sua epopeia com o livro raro. Um tema levou a outro e, já na “belíssima biblioteca”

8. O episódio é também lembrado em Cristina Antunes, *Memórias de uma Guardadora de Livros*, p. 23.

do IEB, ela chegou aos livros de Mário de Andrade, então em processo de catalogação. “Mas, o que mais me fascinou, nos anos em que trabalhei lá, foi o meu convívio com a dona Rose Horch⁹, que era especialista em obras raras. Foi com ela que aprendi tudo de obra rara”, destaca. Cristina relembra com carinho as muitas conversas que tinham, a sua curiosidade de iniciante e as lições cotidianas: “Praticamente me adotou como pupila”.

No estreitamento da amizade, passou a frequentar a casa da mes- tra e conheceu as bibliotecas da família, isto é, a da professora, “mais ligada em Bibliografia” e com muitos títulos em alemão, a do marido, com “alguns interesses em Brasileira”, e ainda uma outra, que muito a impressionou. “Havia um corredor bem grande na casa, que era muito bonita, onde tinha umas estantes escuras, cheinhas de livros de capa branca. Tudo em braille”. Tratava-se da coleção da filha, Ulla, que desde pequena era cega e “lia muito”. Após Rosemarie falecer, Cristina foi chamada para colaborar com a família sobre destino da biblioteca. Por fim, todo conjunto foi vendido a um livreiro de São Paulo.

Nos passeios de sua memória, os amigos e as bibliotecas andam de braços dados por jardins. Uma das caminhadas que mais gosta de contar foi a convivência com o educador Fernando de Azevedo¹⁰, que doou seu arquivo ao IEB em 1970. Depois disso, os livros foram o mote para conhecer a sua casa. “E eu fui. Fiquei conversando, conversando... eu estava no primeiro ano de faculdade. Aí ele me perguntou: você não quer voltar semana que vem?”. Apesar de poder privar da sua “biblioteca ótima”, diz que foram as conversas que tornaram as visitas semanais por mais de um ano, para estranhamento até de alguns dos seus professores da PUC quando um dia a encontraram por lá:

Sabe quando parece que você está vendo a pessoa certa no lugar errado? Aí o professor Fernando de Azevedo me apresentou: é a Cristina, minha amiga, que passeia comigo pelo jardim e a gente fica conversando. Eles [o grupo de professores da Pedagogia da PUC] ficaram surpresíssimos. E era isso que eu fazia: ia, pegava no braço dele... a casa era no Pacaembu, tinha um jardim bem grande, a gente ficava andando pelo jardim e ele ficava me contando histórias, contando casos, contando coisas.

9. Rosemarie Erika Horch (1930-2008), filha de imigrantes alemães, nasceu no Rio de Janeiro e formou-se em Serviço Social e Biblioteconomia. Pesquisadora Instituto de Estudos Brasileiros da USP (1962), tornou-se especialista em obras raras. Autora de obras sobre bibliografia, cartografia e iconografia.

10. Fernando de Azevedo (1894-1974), educador, sociólogo, administrador, escritor e jornalista, foi relator do projeto de decreto-lei que instituiu a Universidade de São Paulo (1934), onde ocupou cargos docentes e administrativos até 1960. cf. *Guia do IEB* [www.ieb.usp.br/fernando-de-azevedo]

A mais marcante, por assustadora, envolvia a morte do educador Anísio Teixeira (em 14 de março de 1971). Para Azevedo, não havia dúvidas se tratar do assassinato de seu amigo, simulacro de acidente pelos agentes da repressão motivado pelos posicionamentos progressistas de Teixeira nos temas da Educação. “Fiquei aquela semana sem dormir, só sonhava com isso, caindo no poço do elevador, caindo no poço do elevador...”

DO BIBLIÓFILO AO INVESTIDOR DO LIVRO: BIBLIOTECAS PARA TODOS OS GOSTOS E USOS

Entre saltos no tempo, Cristina contabiliza que conheceu mais bibliotecas públicas que privadas. Enviada por Mindlin, percorreu toda Costa Leste e Oeste dos Estados Unidos, incluindo frequentes idas à influente Library of Congress (Washington). “Ele dizia: faz parte da sua formação você saber o que eles têm, o que eles dispõem, o que você pode ver, o que não pode ver”, explicou. Por conta própria, ela esteve em muitas outras, incluindo as de Évora, Guimarães, a suntuosa Joana e a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em Portugal, ou a deslumbrante Biblioteca Nacional da Áustria, em Viena.

Quanto às particulares, para Cristina, formam-se com personalidades tão próprias quanto os interesses dos seus organizadores. Como aquela de um banqueiro de São Paulo, que chegou a conhecer quando ainda instalada em um cofre, nos subterrâneos da sede da empresa, na Avenida Paulista. Mais do que tesouro inacessível ao olhar profano, o *livro-mercadoria* era levado às últimas consequências, investimento seguro a ser capitalizado também nos círculos sociais. “Não tenho certeza se ele gostava de ler... ele investia e isso dá prestígio, pelo menos nos meios culturais. Ter uma biblioteca dava um *status* que ele não teria sem ela”.

Ela considera esses casos pontuais, embora a reunião de livros valiosos foi e não deixou de ser símbolo de poder ou mesmo demonstrativo de ascensão: “fica bem bonito ter uma biblioteca”. E para alguns mais bibliômanos, não faz tanta diferença a combinação das obras. Na caricatura dessa atitude, há até quem busque tão somente a encadernação, comprada a metro e exibida nos salões como peça de decoração vazia de sentido. Se esses casos são conhecidos do meio (alguns até sem disfarçar, como fez publicamente o empresário Humberto Saad¹¹),

11. No Arquivo Guita Mindlin, há o recorte de reportagem com encadernadores e o depoimento de Humberto Saade sobre sua biblioteca com encadernações de couro e madeira, feita a metro, instalada na sala da presidência da sua empresa (Márcia Vieira, “Cultura de Fachada”, pp. 10-11).

Cristina duvidava. Até o dia em que foi testemunha, em uma livraria do Jardim Paulista, do pedido inusitado da jovem senhora em busca de “um metro e meio de livro encadernado em verde”. O livreiro se comprometeu a cuidar da encadernação, bastaria somente selecionar os títulos. A resposta dela foi um “tanto faz”, para arrepio bibliófilo.

No entanto, em regra, Cristina testemunhou o livro comprado e reunido por paixão e desejo de saber. “A identificação com o objeto pode ser tão intensa que ele se torna uma extensão da vida real e imaginária do colecionador”, definiu¹². Há coleções que participam ativamente da produção de conhecimento em um campo, exemplo da Brasileira de Rubens Borba de Moraes, fruto de uma vida de pesquisa e reflexão interdisciplinar entre áreas como a bibliografia, biblioteconomia, os estudos históricos e sociológicos sobre o Brasil. Além do grande amor pelo livro, numa relação íntima com a sua materialidade.

Cristina conheceu a biblioteca de Rubens Borba já na cidade de Bragança Paulista, sua última residência antes de ser deixada para José Mindlin. Já o conhecia de fama, quando o viu pela primeira vez no IEB. “O Dr. Rubens tinha um ar, meio... ele tinha um ar de nobreza”. Aproximaram-se quando ela trabalhava na biblioteca Mindlin, eles frequentando mais a casa de Rubens que o contrário. “Gostava demais dele, era muito elegante, sem ser pernóstico, sem ser pomposo. Era da fina flor. Como o Antonio Candido, era uma unanimidade”, caracteriza-o, acrescentando que “desde que você gostasse de ler, gostasse de livro, estava tudo certo”.

O colecionador é descrito como um investigador ativo, que até o fim da vida gostava de conversar sobre os seus projetos de pesquisa e edição. A *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, que fez em parceria com Ana Maria Camargo, é recordada por Cristina nestes termos: “Gostava de saber o que tinha já descoberto, o que tinha a descobrir, que informação a mais ele podia colocar no livro... e foi a última obra dele”. E daquilo que reuniu na própria biblioteca, revelou-lhe o desejo de fazer uma bibliografia dos sermões publicados no Brasil, com acento no período colonial. Não teve tempo. Hoje, a coleção de sermões integra a BBM e está disponível aos pesquisadores.

APURANDO O GOSTO PELA LEITURA NA CASA-BIBLIOTECA

Ser uma grande leitora foi também a porta de entrada para o que Cristina considerou a sua experiência profissional decisiva: os mais de trinta anos de trabalho na Biblioteca de José Mindlin. Apesar de não

12. Cristina Antunes, “Livros: Imaginário, Colecionismo e Raridade”, pp. 227-230.

ser bibliotecária de formação, ela tinha o requisito principal exigido, lia por prazer. “Quando você começa a se tornar um leitor você vai apurando o seu gosto e selecionando as coisas que você vai ler. Então, era isso que ele acreditava. Quando eu fui para a entrevista na casa dele, o que me fez ficar foi o fato de eu gostar de ler”.

Desde o início, em 1980, a lógica da biblioteca não lhe parecia difícil. A sala da casa guardava as primeiras aquisições do bibliófilo, por mérito de antiguidade na coleção, e as obras raras não eram apartadas das edições modernas. Em um pavilhão, no mesmo edifício, localizavam-se os núcleos de Literatura Brasileira, Literatura Estrangeira e o de História do Livro. Como subnúcleo da parte brasileira, havia a coleção de viagens em formação. Cerca de cinco anos depois, ela participou na reorganização do acervo após a construção do segundo prédio: todo o século XIX passou a habitar o térreo. Já os títulos do século XX e XXI se agruparam no segundo andar, reunindo obras de Literatura Brasileira e de História. O famoso jardim dos Mindlin unia as construções e, com mais espaço, o pavilhão mais antigo passou a ser exclusivo para os viajantes, obras de referência, títulos de Arte, a parte de Música, além de Sociologia e Folclore. Para ela, “como os critérios dele eram os mais lógicos possíveis e não tinha nada a ver com a rigidez bibliotecária, foi muito simples”. Assim também para a catalogação, “tudo que tinha que fazer era sugar o máximo possível de informações que estava naquele livro e fazer uma ficha”.

Nessa nova arquitetura, a sala principal da casa continuava reunindo maior diversidade de temas entre as primeiras aquisições, mas com critérios: na primeira estante, ficavam obras de Literatura Portuguesa, depois um pedaço da estante com obras de História do Livro, seguidos por uma estante inteira de Literatura Brasileira, com os primeiros modernistas adquiridos. Seriam esses os preferidos da coleção? “Acho que ele era afeiçoado a todos os livros. Cada livro tinha uma justificativa para ele, razão de ser, motivo pelo qual procurou”, discorda Cristina.

Se não era a ordem dos livros, nem a forma de catalogação própria, sua maior dificuldade de início foi aprender a lidar com o ritmo das informações que recebia quando José chegava à biblioteca. “Minha surpresa maior, meu choque, foi exatamente isso. Ficava ansiosa para assimilar todas as coisas que ele vinha falando. Com o tempo, fui percebendo que eu podia assimilar o que ele me passava, não podia ficar enlouquecida”. Ouvir as histórias sobre os livros se transformou em um prazer, conhecia gradualmente o caráter dos exemplares, seus caminhos até ali, seus conteúdos. “Acho que esse pedaço da biblioteca foi o que logo me encantou”. Nessa rotina, Mindlin poderia retirar aleatoriamente um título, ou buscar precisamente certo volume, e começar a explanação.

Aí falava para mim: olha, essa é a primeira edição do Petrarca, olha os tipos, olha a tipografia dela, essa foi feita assim... Em seguida, dez anos depois surgiu esta, que era o Poliphilo, e era brutal a diferença. Então, esse aqui é do [Aldus] Manutius, esse aqui não é. Aí ele começava a falar das tipografias, das obras...

Para a sua rotina de catalogação, mergulhava nos frontispícios, analisava as marcas d'água, apontava *ex-libris* e marcas de leitura, contabilizava ilustrações, descrevia os tipos de encadernações, a presença de nervuras, de douração, captava a individualidade de cada exemplar. Tinha como tarefa ainda receber os pesquisadores que solicitavam acesso, visitas autorizadas depois dela reunir informações sobre quem pedia para frequentar a casa. O seu lazer não raro prolongava-se na biblioteca, quando participava dos convívios sociais em torno dos livros, por vezes aos fins de semana. “O Mindlin tinha por hábito receber pessoas. E tinha o dom de juntar o torto com o direito e dar certo”, recordou. Entre os seus episódios favoritos, o encontro com o escritor português José Saramago, a surpresa de receber o peruano Mario Vargas Llosa ou a correspondência, que perdurou por anos, com o poeta mato-grossense João de Barros.

O tempo foi passando e Cristina vivendo a biblioteca crescer exponencialmente. Chegou um momento em que Mindlin comprou uma casa, próximo à sua, somente para abrigar os periódicos. Para essas aquisições, os principais pontos em volumes de compra estavam em Portugal e Inglaterra. Já os leilões não eram tão apreciados, salvo por necessidade extrema, como fez para a compra da edição de *O Guarany*¹³. Ela só recorda de ter ido em representação sua a dois leilões, ambos no Brasil.

O gosto de Mindlin estava mesmo em ir à loja do antiquário em busca de preciosidades. Entre os mais frequentados, em São Paulo destaca a livraria de Pedro Corrêa do Lago, especializada em livros esgotados e raros, e o antiquário de Aristóteles Alencar, O Belo Artístico. “Mas ele gostava mais do Stefan e do Walter, da [livraria] Cosmos, do Rio”, acrescenta. Em cada viagem, o tempo para os antiquários era obrigatório. “Ele tinha como se fosse uma varinha mágica, de apontar e ser um livro interessante. Por isso dizia: a gente procura o livro e o livro procura a gente”. Com a sua fama do bibliófilo, que se foi ampliando, Mindlin quase deixou de precisar sair de casa: “Vinha *e-mail*, telegrama, telefonema oferecendo uma obra. Todo mundo o conhecia e já procurava direto”. Ele escolhia peça a peça. E, somente nas vezes

13. Caso relatado pelo próprio em José Mindlin, *Uma Vida Entre Livros: Reencontros Com o Tempo*, pp. 26-28.

em que comprou bibliotecas inteiras, como a do bibliófilo João Marinho de Azevedo, do poeta Erthos Albino de Souza, ou mesmo a coleção de manuscritos da Livraria José Olympio, impressos e documentos chegavam em caixas e mais caixas, a serem triados e ordenados por Cristina e quem estivesse à disposição no período.

DONA GUITA E AS MULHERES DA BIBLIOTECA

Para Cristina, as fases que viveu na biblioteca se dividem em função da equipe. Quando ela chegou, partilhava o trabalho com a amiga Alice Fontes, que conhecia desde seus tempos de IEB. Um ano depois, iniciou um período de duas décadas como a única cuidadora dos livros. A higienização sistemática dos exemplares era diariamente feita pela faxineira Marivalda, que “começava do primeiro e ia até o último e então recomeçava o ciclo”. E se, no começo, “Marivalda tinha certo receio de passar vexame lendo”, Cristina conta que resolveu lhe emprestar “coisas de fácil leitura, que ela pudesse sentir prazer com a leitura”. E assim, “desandou a ler” e até resolveu retornar aos estudos formais, o que desistiu pela matemática. “Não lia clássicos, nem obras de grande dificuldade. Mas ela gostava de ler”, lembra Cristina.

A biblioteca era frequentada por outras, aprendizes de conservação orientadas por Guita Mindlin, que faziam periodicamente a nutrição do couro das encadernações. “Eram meninas novas, filhas de gente que [dona Guita] conhecia, como a neta da costureira. E ela aproveitava e ensinava”.

Com o aumento avassalador das coleções nos seus últimos dez anos, a curadora passou a compartilhar o trabalho com uma pequena equipe. Primeiro, chegou Rosana Gonçalves, que ficou dedicada aos periódicos. Depois, foi contratada Elisa Nazarian, para o cuidado e organização dos arquivos que se incorporaram ao acervo¹⁴. Nessa descrição, destaca-se a forte presença e ação de um grupo de mulheres em manter, cuidar, habitar os espaços e, é claro, ler, nessa biblioteca. Aliás, os livros tinham uma dona; eles também eram de Guita.

Sobre o correr dos dias, Cristina considera que era “facilímo” conviver com Dona Guita, que descreve como uma grande leitora, conhecedora de várias línguas e uma apaixonada pelos livros. É a figura bonita, de olhos bem azuis, carinhosa, apesar do que a sua franqueza aberta poderia sugerir a quem não a conhecia tão bem.

14. Atualmente fazem parte da Brasileira, os Arquivos de Francisco de Assis Barbosa, Rubens Borba de Moraes, Zila da Costa Mamede, João Etienne Filho, Erthos Albino de Souza, Vicente do Rego Monteiro, Cunha de Leiradella, Istvan Jancsó, além dos de Guita e José Mindlin.

Algumas pessoas tinham uma certa restrição, não sei se ela passava uma aparência de ser mais fria, de ser mais dura, mas era uma pessoa adorável. Muita gente não percebia isso. Mas era muito fácil gostar da Dona Guita porque ela era muito franca, muito direta.

Conhecedora profunda das necessidades de cada exemplar, Guita transformou seu arrebatamento em ofício dela e de mais gente. Cristina acompanhou boa parte desse percurso:

Por causa dessa paixão, ela fez muitos cursos fora do Brasil para aprender a cuidar do livro. A preocupação era mantê-los em bom estado, queria conservar o melhor possível. Pesquisou muito, estudou encadernação, viajou pelo mundo e conheceu vários moinhos de produção de papel.

A fundação da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER), com Thereza Brandão Teixeira e outros, foi um desenlace dessa aventura, além de participar ativamente na formação de muitos outros restauradores e contribuir mesmo para a formação de um campo técnico e universitário no Brasil.

Na casa, era frequente chamar Cristina ao laboratório de conservação e restauro e apresentar edições, contar sobre o tipo de costura que iria fazer, por vezes mostrar como iria desmontar um exemplar, para melhor o recompor. “Esses detalhes eu via mais com ela, no laboratório”. Mas não deixava de ser presença frequente na Biblioteca, quer para ensinar e coordenar a higienização dos livros, a nutrição do couro, quer para percorrer as estantes e conferir se algum estaria precisando de reparo, quer simplesmente para conversar. Ao longo da conversa, Cristina repete mais vezes: “Eu gostava muito da Dona Guita”.

Na aquisição dos livros, José era quem buscava ativamente por edições valiosas. Guita levava aquilo que despertava sua curiosidade leitora, em geral edições modernas. O livro raro reservava como presente ao marido em datas especiais. “Ela sabia fazer isso. Ela só não competia com ele. Era uma mulher muito esperta”.

OS OLHOS E A VOZ PARA QUEM LÊ NO ESCURO

Embora hajam cinco portas de amor ao livro e a bibliofilia não prescindia do instinto tátil¹⁵, a visão aparece como a mais cara função aos grandes leitores. Quando, gradativamente, a vista foi-se reduzindo

15. Referência a Jackson Holbrook, “O Tato (Uma das Cinco Portas de Amor ao Livro)”. Texto extraído da obra *The Anatomy of Bibliomania*.

e a capacidade de leitura de José Mindlin se perdendo, considerou ter sido abatido por uma grande “injustiça do destino”. Uma perfuração na mácula fez com que precisasse de lupa, depois da ampliação por computador, até que não conseguiu mais. Cristina recorda que muito naturalmente um dia ele lhe perguntou: “Você quer ler para mim? E eu, claro. Sentei e comecei a ler”. Tornou-se um hábito e ela a sua ledora¹⁶.

A leitura não seria mais privada, nem individual, mas compartilhada. Cristina sugeria algumas obras. Outros, ela lia ou relia a pedido de José. Foi o caso de Proust, o autor estrangeiro favorito do bibliófilo, que ambos revisitaram juntos. Aí então ela percebeu que tinha gostado mais de ler o autor em voz alta. “Descobri uma sonoridade na fluência dos parágrafos longos que eu não tinha percebido”. E ele falou: “Realmente, faz toda diferença”. Na lista das escolhas de José estavam ainda Virginia Woolf, José Saramago, Jorge Luís Borges. Após a esposa falecer, pediu para ler *O Legado de Eszter*, de Sándor Márai. Para Cristina, a principal diferença era ler títulos que não seriam necessariamente aqueles que ela escolheria para si. “Às vezes acontecia, por exemplo, de ele começar a cochilar no meio... e eu perguntava: o senhor tem certeza que quer ler Virginia Woolf? Ele falava: esse ensaio não”. Das indicações de Cristina, lembra de terem lido juntos o romance *Equador* (Miguel Sousa Tavares), passado na Ilha de São Tomé e Príncipe. Outros leitores foram acionados, como Rosana e Marvio, contratado especialmente para a tarefa, além de familiares e daqueles que passavam pela Biblioteca e se ofereciam “simplesmente porque sabiam que ele estava precisando de alguém que lesse...”.

Se gosta da própria voz? Ela responde: “Tem sotaque. Mas, eu não ficava preocupada com o meu timbre, ficava preocupada com a sonoridade da obra”. Muito antes desse período, Cristina diz que leu em voz alta somente para si, por deleite, somente uma única obra, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. “É completamente diferente você ler em silêncio e em voz alta. Ele tem música!”

Essa “injustiça do destino” tornou-se um temor para a própria Cristina, que muitas vezes se lembrava da desdita do amigo, para quem, se ler “era a coisa que ele mais amava, devia ser muito difícil, muito difícil”. Se a felicidade é “ter livros e poder ler livros”, compreende-se a força que colocou neste desejo: “Que Deus conserve meus olhos...”

16. Cristina e José Mindlin concederam juntos entrevista sobre a experiência na investigação de doutorado que deu origem ao livro de Denise Schittine, *Ler e Escrever no Escuro: A Literatura Através da Cegueira*.

LER POR TODAS AS RAZÕES

Durante as entrevistas, navegando como em pêndulo entre passado e presente, a comparação com a sua vida de antes e o estranhamento que afirma ter com o trabalho na nova casa parece inevitável. “A primeira coisa que me lembro quando pego qualquer livro na estante é onde ele ficava na casa. Isso é automático. E aí sinto falta. É como se tivesse tirado ele do lugar onde ele deveria estar e colocado em um lugar novo”. Na sua missão de “pastoreio” da BBM-USP, Cristina preocupa-se em manter a ordem definida por Mindlin e defendeu desde o princípio “que a memória dele está diretamente ligada aos livros. A maneira como os livros estão na estante, a maneira como ele organizou a biblioteca tem que ser respeitada”.

Não foram poucos os conflitos frente ao que para ela seriam descaracterizações da biblioteca. Mas, no somatório, sabe com dificuldades que sempre será uma outra lógica, já por não serem mais quatro prédios e sim três andares, e pela mistura do que estava na sala da casa, por antiguidade de aquisição, com os temas que habitavam os antigos pavilhões.

O que era natural para mim, aqui deixou de ser. Não tinha esse tipo de dilema, esse tipo de conflito. Era, porque era, e estava assim e ia ser para sempre. Você não pensa que vai um dia sair de lá e mudar para cá. Por mais bonito que seja o prédio, por mais suntuoso que seja, não é a casa dele. E aí sempre tenho a sensação de que os livros estavam melhor onde eles estavam. Por mais que aqui tenha controle de umidade, controle de temperatura, controle de iluminação. Eu tenho essa dificuldade ainda de enxergar que é aqui que eles estão e é aqui que eles vão ficar.

Os livros são seu refúgio, sem prescindir do convívio com os amigos, os dois netos leitores e o casal de filhos. Para além da BBM, Cristina também mantém outras atividades que consegue interligar com a sua pulsão pela leitura. “Hoje em dia eu leio por todas as razões”, especialmente para o trabalho com as traduções (do inglês e do espanhol) e muito por prazer. E essa é também uma aspiração de futuro. De momento, aguarda com expectativa a publicação de sua pesquisa para a *Marginália de Rubens Borba de Moraes*¹⁷. Mas sonha com a sua aposentadoria, para, finalmente, poder dedicar-se à organização do

17. O livro foi publicado com o título *Rubens Borba de Moraes. Anotações de um Bibliófilo*, São Paulo, Publicações BBM, 2017.

seu acervo de cordéis, trabalhar com tradução de livros e ler mais livremente, por prazer. Aspiração cultivada com ares de necessidade vital: “Eu leio para respirar”. ●

SOBRE A AUTORA

Débora Dias é doutora em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra, investigadora do grupo “Leitura e Formas de Escrita” do CHAM - Centro de Humanidades (NOVA FCSH - UAC) e membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS XX - UC). Foi contemplada pelo Programa institucional de pesquisa nos acervos da USP, Biblioteca Guita e José Mindlin.

CRISTINA ANTUNES:

EXTRAORDINÁRIA LEITORA E GUARDIÃ DOS LIVROS p.256

RESUMO Da casa da rua Princesa Isabel ao monumental prédio da USP, Cristina Antunes (1951-2019) revela-se protagonista que acompanhou a formação e a travessia de uma Biblioteca composta de muitas coleções, em diferentes temporalidades. Neste texto, é convidada a rememorar episódios de sua formação e trajetória, em que condensa e miscigena a reflexão adquirida nas leituras e no convívio com pesquisadores e colecionadores com a experiência de quem sempre esteve próxima do manuscrito, do impresso e das bibliotecas. A conversa, baseada em duas entrevistas principais, é também uma homenagem a colecionadora de cordéis, paleógrafa, tradutora, especialista em bibliotecas, organizadora de livros, escritora, investigadora e, acima de tudo, leitora.

CRISTINA ANTUNES • BIBLIOTECA BRASILIANA • LIVROS RAROS • CONSERVAÇÃO.

CRISTINA ANTUNES
EXTRAORDINARY READER
AND GUARDIAN OF BOOKS

ABSTRACT From a house at Princesa Isabel Street to the impressive building at USP, Cristina Antunes (1951-2019) is a protagonist who follows the formation and development of a library which is constituted by many collections, from different periods of time. In this text, she is invited to remember its trajectory, in which condenses and mixes the reflection over the act of reading and the interaction of researchers and collectors with the experience of someone who have always been close to the manuscript, printed version and the libraries. A talk, based on two interviews, is also a tribute to the “cordéis” collector, paleographer, translator, library specialist, book organizer, writer, researcher and above everything, reader.

CRISTINA ANTUNES • BRASILIANA
• RARE BOOKS • CONSERVATION.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Cristina. *Memórias de Uma Guardadora de Livros*. Entrevista a Cleber Teixeira e Dorothee de Bruchard. Coleção Memória do Livro, vol. 3. São Paulo/Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado/ Escritório do Livro, 2004.
- _____. “Livros: Imaginário, Colecionismo e Raridade”. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, n. 3. São Paulo, Ateliê Editorial, 2013.
- DEAECTO, Marisa Midori. “Uma Brasileira para o Leitor do Século XXI”. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, n. 6. São Paulo, Ateliê Editorial, 2016.
- FONTES, Amando. *Rua do Siriry* (romance). Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.
- HOLBROOK, Jackson. “O Tato (Uma das Cinco Portas de Amor ao Livro)”. Texto extraído da obra *The Anatomy of Bibliomania* (London, Faber and Faber, 1950). Tradução de Cláudio Giordiano. Coleção Plaquetas da Oficina n. 5. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- LOEB, Rodrigo Mindlin. “Um Sonho Quase Impossível”. *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*, n. 55, ano 19, Rio de Janeiro, 2015.
- MINDLIN, José. *Uma Vida Entre Livros: Reencontros Com o Tempo*. São Paulo, Edusp/Companhia das Letras, 1997.
- VIEIRA, Márcia. “Cultura de Fachada”. Domingo. Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, n. 746, p. 10-11, s.d. Cota: GKM 1.1152.7.